

Chegon de... Hoje... E para outros um mal... Pois que é tal a barateza... Que a lazeirice é fatal.

Já lá val esse tempinho... Com visíveis alegrias... E achia o nosso papinho... Que sobra p'ro Ano Novo.

Agora o pobre Zé-povo... Só tem clarura de fome;... Nem pága bem caro um ovo... Que sobra p'ro Ano Novo.

AMILCO

países policiados, e que alguma coisa tem tentado para a limitação do mal, aniquilador do género humano.

No Rio de Janeiro, nos tempos em que a febre amarela e a varíola faziam incurações violentas e devastações anuais, a tuberculose fornecia sempre maior contingente de vítimas no obituário; hoje, quase que somente ela domina pavorosamente, devorando-nos crudelissimamente.

DR. FÁBIO LUZ

Rio de Janeiro.

(\*) Nosografia — Classificação das doenças.

A loucura humana

Francamente, a guerra actual não é mais nem menos do que a loucura humana. Pois pode lá ser outra cousa?... Mas não há que admirar, porque a burguesia, amadrontada, aterrorizada até, com o quadro sangrento que dia a dia os seus crimes vão originando, recorreu à sua última tábuca de salvação, que no fundo não é mais do que um profundo abismo aberto à sua vida desregada, desmoralizadora e victiosa...

A guerra, que não é só a declaração da loucura furiosa da burguesia e o princípio d'uma loucura talvez pior do mundo proletário, denunciou-nos evidentemente, eloquentemente, e a nenhuma firmeza de certos revolucionários sociais que antes do início de hecatombe, nos pregavam enfadonhamente que a guerra era um crime tão monstruoso como o da propriedade individual.

Ah! a lógica dos revolucionários guerrillistas! O que eles nos diziam! A guerra, sim — afirmam — é um mal necessário; esta guerra não é uma guerra como as transcorras, porque esta guerra tem o cunho principal de ser uma guerra pela independência dos povos!

...Mas a lógica como é uma batata, a uma batata pôde, tem de revolucionários guerrillistas não... E para provarem eloquentemente as suas afirmações provenientes dum estudo profundo, si temos a facilidade de viver, com os géneros alimentícios baratíssimos, e também o alçado e o vestuário. A Humanidade

na causa sobre a política de corrupção que caracteriza a política burguesa.

Queremos constatar a disparidade da palavra «política».

O director da «Voz do Povo» Consultas sobre Principios Socialistas», diz:

«Designio por política a profissão de manter e dirigir a máquina com que se oprime o povo e se reforçam as oligarquias capitalistas ou não capitalistas, com ambições fundadas em interesses mal entendidos.»

Como é que se operou no cérebro deste autor tal disparidade de critério?

É verdade que aquela definição foi feita em 1901, e no espaço de 15 anos mudam-se e rectificam-se em algo as ideias. Essas mudanças, porém, são a resultante das coisas se mudarem também. Mas estas, salvo no aspecto, em nada se modificaram. Acaso a política, em 1901, não era já de corrupção? Acaso a política, agora, não continua a ser a profissão de manter e dirigir a máquina com que se oprime o povo e se reforçam as oligarquias capitalistas ou não capitalistas?

É como é que em 1901 havia para a palavra «política» uma definição com significado absoluto e agora é apenas parcial?

É que naquele tempo M. J. da Silva não esperava ainda ser deputado...

E agora...

M. J. DE SOUSA.

ABECEDÁRIO

OS PARASITAS

As palavras mudam frequentemente de sentido.

Assim, Parasita, é uma palavra grega que significa, rigorosamente, Inspector de trigos. E com efeito, os antigos linguistas empregaram este termo para designar os sacerdotes encarregados de tomarem conta do trigo colhido nas «terras sagradas», e darem banquetes públicos nos templos.

A princípio, gosaram, em Atenas, de grande reputação e estima, sentando-se ao lado dos magistrados. Mas, com o andar dos tempos e em virtude da sua sobreja assiduidade e intemperança nos banquetes, descreditarão-se por tal forma — que a palavra Parasita tornou-se afrontosa, vindo a significar o que ainda hoje significa: o que vive a custa alheia, sem trabalhar. Em Roma houve imensas parasitas; só no tempo de Augusto, contavam-se mais de quarenta mil...

E hoje quantos haverá? Talvez seja impossível contá-los, porque a espécie parece que é muito prolífica...

Viva a democracia!

No jornal de Hervé, «La Victoire», Jorge Bienaimé escreve:

«Logo no começo da campanha se mostra em breve a falta de preparação do exército austro-húngaro.

«Falta de artilharia e de munições, de equipamentos e sobretudo de chefes capazes; quanto a bons mapas, nada.

«O exército da França republicana, da França pacifista, cujos defeitos e imperfeições tão facilmente são exagerados, estava no entanto muito mais pronto para a guerra do que o exército do belicoso império de Francisco José.»

Ainda bem! Vê-se que a democracia não descurou o seu «instrumento de defesa» e que os malvados dos herveistas (primeiro modo de ser) não o embotraram como se dizia. É um bom alívio para a consciência inquieta do General Catavento.

Manifesto da Conferên-

cia de Zimmerwald

o mal, a guerra, a revolução... em virtude da perda de uma política que os partidos... de uma mais imolável... direito que se deve... por de si próprios.

PROLETARIOS!

Desde que se desencadeou a guerra, puséstes todas as vossas forças, toda a vossa coragem, toda a vossa resistência ao serviço das classes possuidoras; para vos matar uns aos outros. Hoje, mantendo-vos no terreno da luta de classes irreduzível, deveis agir pela vossa própria causa, pelo escopo sagrado do socialismo, pela emancipação dos povos oprimidos e das classes escravizadas.

É dever e tarefa dos socialistas dos povos beligerantes emprenderem esta luta com toda a sua energia. É dever e tarefa dos socialistas dos países neutros ajudarem os seus irmãos, por todos os meios, nesta luta contra a barbárie sangüinária.

Nunca, na história do mundo, houve tarefa mais urgente, mais elevada, mais nobre; a sua execução deve ser a nossa obra comum. Nenhum sacrificio é excessivo, nenhum peso demasiado para alcançar este fim: o restabelecimento da paz entre os povos.

Operários e operárias, mães e pais, viúvas e órfãos, feridos e mutilados, a todos vós que soffreis a guerra e pela guerra, gritamos: Por cima das fronteiras, por cima dos campos de batalha, por cima das cidades e campos devastados,

PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS!

(Setembro de 1915).

Em nome da Conferência socialista internacional: Georg Ledebur e Adolf Hoffman (alemaes); A. Bourderon e A. Merhela (franceses); G. E. Modigliani e Constantino Lazzari (italianos); N. Nenin, Paulo Axelrod e M. Brohoff (russos); Lapinski, A. Warski e C. Hanencki (polacos); C. Racouski (romeno); Z. Hoglund (sueco); Ture Nerman (noruegues); H. Roland Holst (holandês); Robert Grimm e Charles Naine (suíços).

(Aderiram depois a este manifesto os socialistas ingleses, norte-americanos e portugueses (2), a federação socialista do Alto Vienne, de França, além de outras organizações. O relato da Conferência foi editado em França pela Federação dos Metais).

Trechos escolhidos

O povo tem, é verdade, os seus representantes; mas, porventura, serão eles os que vão representar no santuário das leis os direitos e os interesses dos que trabalham?

A junção dos governos modernos, que a soberania popular restringe a representar e colher os votos e vontades, convertendo-os em medidas e instituições de interesse de todos, é desmentida todos os dias.

Os governos impõem a sua vontade à dos representantes do povo, tornando nulas e perigosas todas as garantias que lhe pode oferecer a representação nacional. Invertem-se os papéis; um governo, que vive do apoio da nação, manifesta pelos representantes do povo, é hoje o que sustenta essa representação, fazendo eleger os que hão-de pugnar pelos interesses do povo, servindo-se de todos os meios ao seu alcance e por isso sempre ilegítimos.

As assembleias legislativas, destinadas a julgar os actos dos governos, são escolhidas por estes... Assim, as assembleias legislativas são escravas dos governos, que, a uma simples ordem, podem dissolvê-las: a voz dum ministro é capaz de fazer emudecer as de todos os cidadãos representados nos seus delegados.

Tudo o que um governo preten-

que a humildade e a...
também os moderados...

Ab! a impudica burguesia!
o mundo proletário! os revolucio-

Quando se dão movimentos
groyistas, que sempre reclamam

ABEL SEQUEIRA DE PAIVA.

ENTRE VIZINHAS

Sabe, D. Sebastiana? Ama-

Então não lhe serviram de

— Isso sim! E sabe que ela se

— Tudo para se mostrar.

— Com certeza. E o mais en-

— E' mais do que um insulto: é

na az humidade e o...
a morte de um, tal e a morte de

— E tinha toda a razão o hom-

— Sim o olvido completo de to-

— Assim me parece. Pois decla-

— O homem integro, cujo espí-

— Sou da sua opinião, D. Se-

AMEL RENAUD.

Causas de responsabilidades

E' de Gabriel Séailles, profes-

— Não, senhor foi o outro!

O Alcoolismo
estudo a que merecem maior des-

Alcoolismo crónico é a intoxica-

Mas antes de tudo: — está tam

A fisiologia ensina-nos que ali-

E, pois, realmente para estran-

Agora, é-se logicamente levado

O verdadeiro alimento é aquele

Mas há mais ainda: — sendo

Adubo de sangue, sementeira de odio

Em França, numa festa oficial,

Apertai mais ainda, e polvos

turbulência, e a vida e o...

Os únicos bons efeitos do al-

O alcool produz também, como

Ora se a outra é falsa, como

Dá-se com o alcool o mesmo

E' que realmente o alcool é um

Seguidamente a esta acção ele-

O alcool não tem, pois, valor

Como tal pode, em doses mo-

MANUEL DE CASTRO

Errata — No número passado,

copos cheios, acharmos no vinho

E assim se vai semeando o odio,

Frutos da guerra

A AURORA vende-se, em S.

TIERRA Y LIBERTAD

Semanário anarquista que se

Provas de patriotismo

Nos horribes tempos que cor-

o conhecer-se alguns dos...

Não há dúvida: enquanto os...

Excelentes provas de patrioti-

As ideas de Frederico

Adler

A «Sementeira» reproduziu no

Quem já não cre — ou nunca

Da situação criada pela guerra

Que a Internacional terá a «fu-

A classe trabalhadora deve con-

Deveremos ter sempre presente